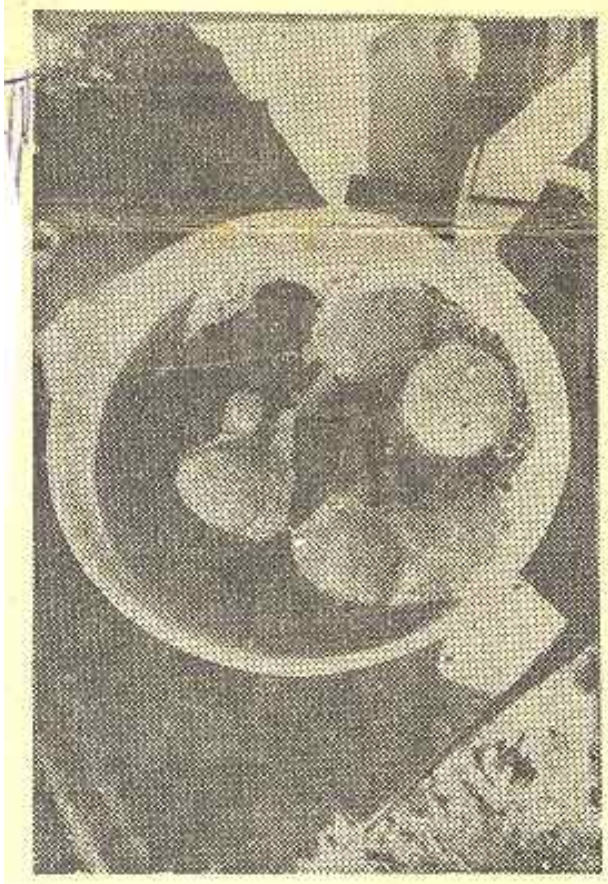
Dengo, trabalho e tempero nos taboleiros de acarajé

Verdadeiro núcleo feitichista — embora não o pareça — o Largo da Amaralina, que os "exprets" da Prefeitura denominam de redoma, vai perder a plasticidade que lhe emprestam as "baianas de acarajé", cujos taboleiros serão transferidos para faixa contínua asfaltada da orla, com barracas padronizadas em torno das quais bancos coloridos serão colocados para que o freguês — principalmente turista — possa, mais a cômodo, apreciar-lhes os acepipes e ouvir histórias de nossa cultura.

Elas — que em número aproximado de trinta — são filhas-de-santo e achetãs de vários candomblés da Bahia, não estão muito preocupadas com a medida, "se vem em nosso benefício, não prejudica a gente e só faz melhorar", na linguagem de Edna, yaô de menos de 17 anos e que, alí, substitui Eulina, uma baiana que se encon-



tra no Largo há cerca de 30 anos e não tem condições de aguentar "o repuxo do tempero", conforme afirma ao jeito de falar de todas as companheiras que compõem aquele mundo de sacrifício e muita ternura.

PIVETES

As "baianas" de Amaralina quais o compositor e cantor Osvaldo Fahel inspirou-se para fazer uma canção sobre o bairro, não têm maiores problemas, salvo o dos transportes (porque muitas moram longe) e o dos pivetes. "Eles não nos aborrecem; mas, ficam chateando os turistas" — é o que diz Julinha, de 20 anos, para quem o negócio é muito bom e, apesar do número de "baianas",

melhora a cada dia. Alguns daqueles meninos agenciam taboleiros de sua preferência, isto é, os que lhes dão melhor comissão. Nem eles nem elas brigam entre si por causa do aliciamento de fregueses.

MAIS VELHAS

As baianas mais velhas não vão ao Largo da Amaralina todos os dias. Envelheceram, na verdade, fazendo o comércio de seus taboleiros, os mais completos da Bahia. Traziam afó pequeno, acarajé, abará, amoda, bolinho de estudante, cocada preta e branca, (em calda inclusive), amalá, manuês, pedaços de coco cerado. Algumas vendiam mingáus de milho, de tapioca ou goma, de arroz e carimã, além do cuscús com leite de coco e coberto por folhas de bananeira. Mas, as figuras mais conhecidas são Maria de Lourdes Soares, de 80 anos e Vicenzia, de 72. Trabalham, apenas, aos sabados e domingos, como uma forma de matar a saudade do Largo, a que elas chegaram antes de todas, fazendo-o seu ponto, para atender ao pessoal que vinha para a praia nos bondes de Rio Vermelho de Baixo e de Cima e de Amaralina, cujo largo era o terminal festivo, cheios de jumentos "pojados de coco" — como acentua o contista J. Gilberto Savastano.

PRESTIGIO

Com a escassez de "taboleiros de santo" no centro da cidade, autoridades dos diversos terreiros do Candomblé visitam os das "baianas" de Amaralina. É o caso de Bebé, do Buraco da Gia e a maior parte dos ogans da Casa Branca. Há certos fatos curiosos ligados as "baianas" do Largo da Amaralina. O mais pitoresco é o de um cidadão carioca que, por haver escapado de um desastre de aviação, alí com-

parece, todos os anos, para distribuir, entre elas, alta soma em dinheiro. Uma instituição no Largo é a poquera por parte de pessoas idosas e de cor branca, que a negritude das baianas vai afastando com o jeito e o sorriso delas. Têm uma reclamação a fazer: quando precisam de tipos para enfeitar as festas das autoridades, vão até lá e as convocam por alguns cruzeiros. "A gente vira objeto de mostra. Mas, na hora de transporte para casa, cadê, meu branco?" — diz Eulina e Rosa, duas irmãs, que moram em São Cristóvão.